



# TRECHOS DE *HELENA VADIA*, UMA PERFORMOPALESTRA

*EXCERPTS FROM SLUT HELEN, A PERFOCONFERENCE*

*EXTRACTOS DE HELENA, LA PERRA, UNA PERFOCONFERENCIA*

**Pamella Villanova**

**Pamella Villanova**

Mestre em Artes da Cena e graduada em Artes Cênicas pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atriz, diretora e professora de teatro. E-mail: [pamellavillanova@gmail.com](mailto:pamellavillanova@gmail.com)

## Resumo

Trechos da dramaturgia de *Helena Vadia*, híbrido de peça de teatro e palestra – uma “performopalestra” apresentada na defesa do mestrado em Artes da Cena, em 2014, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O espetáculo ultrapassou os limites físicos da universidade e dos edifícios teatrais e já se apresentou em diversos contextos diferentes, levando questionamentos sobre a rigidez de “ser mulher” ou “ser homem” e a violência consequente de tal compreensão assimétrica aparentemente imutável.

**Palavras-chave:** Dramaturgia, Estudos de gênero, Mito, Pesquisa em artes.

## Abstract

Excerpts from the dramaturgy of *Slut Helen*, hybrid between a play and a lecture, a “perfoconference,” presented in the defense of a master’s thesis in 2014, in the Graduate Program in Performing Arts of the State University of Campinas (Unicamp). The spectacle has surpassed the physical limits of the university and theater buildings and has already presented itself in several different contexts, raising questions about the rigidity of “being woman” or “being man” and the consequent violence of such seemingly unchanging asymmetric understanding.

**Keywords:** Dramaturgy, Gender studies, Myth, Art research.

## Resumen

Extractos de la dramaturgia de *Helena, la Perra*, híbrida entre una pieza de teatro y una conferencia, una “perfoconferencia” presentada en la defensa del título de maestría en 2014 en el Programa de Posgrado en las Artes Dramáticas de la Universidad Estadual de Campinas (Unicamp). El espectáculo ha sobrepasado los límites físicos de las universidades y de los edificios teatrales y ya ha sido presentado en diferentes contextos, llevando cuestionamientos sobre la rigidez del “ser mujer” o del “ser hombre” y la violencia consecuente de tal comprensión asimétrica aparentemente inmutable.

**Palabras clave:** Dramaturgia, Estudios de género, Mito, Investigación en artes.

ATRIZ ( *Ihe recebe com afeto*): Olá! (*pausa*) Isto é *Helena Vadia*, uma performopalestra. “Performopalestra” porque brinca de ser híbrida de palestra e peça de teatro; insisto em manter esse nome, apesar da convicção de se tratar de teatro, para afirmar seu caráter de pesquisa que passeia entre o duplo saber do conhecimento acadêmico e das imagens poéticas. As próximas páginas estão preenchidas com parte da pesquisa que venho realizando há seis anos. De 2012 a 2014, ela esteve vinculada ao mestrado em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com orientação da profa. dra. Verônica Fabrini e financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Comecei tateando o dualismo feminino/masculino e/ou homem/mulher, mas outras dualidades foram aparecendo e a maneira de apaziguar os sentidos foi criar este espetáculo híbrido, que cabe em qualquer espaço coberto disponível. Com o mito grego de Helena na mochila e meu consequente espanto diante das desigualdades de gênero que são impostas aos nossos corpos por simplificações desde tempos longínquos, saí vadiando pelo Brasil na luta da arte independente. Assim, levando o espetáculo para espaços alternativos sem apoio institucional após o encerramento da bolsa Fapesp, este espetáculo já percorreu onze estados brasileiros, se apresentando nos contextos mais variados.

ATRIZ-AUTORA-DO-ARTIGO: O que você lerá a seguir é trecho de um experimento forma-conteúdo que comecei a esboçar no texto da dissertação de mestrado e em sua defesa, em 2014, e que segue se transformando pelos atravessamentos corporais-anímicos desta atriz vadia. Parte da pesquisa foi testar no corpo os estudos teóricos. Por isso, o texto foi construído com citações de outras obras, como uma aquarela de sensações, opiniões, falas e visões sobre aquela que “os homens amam amar e amam odiar”<sup>1</sup>. Escolhi trabalhar com um mito, uma história da tradição oral datada da Idade do Bronze Tardio (Pré-História) que se referia a uma divindade ligada à vegetação.<sup>2</sup> Essa narrativa foi registrada por Homero, mais de quinhentos anos depois, como uma das primeiras referências de feminilidade da História da Literatura

---

1. Hughes (2009, p. 270).

2. Brandão (1989, p. 78).

Ocidental de origem grega.<sup>3</sup> Tratava de uma antiga rainha da Pré-História que teria vivido na Grécia antes do surgimento do sentimento de nação<sup>4</sup>. Uma filha de Zeus que era alta sacerdotisa a quem muito se prestou culto, mas que foi considerada indigna de respeito ao longo da escrita da História.<sup>5</sup> A partir de Homero, muitas Helenas foram representadas na arte. Dentre tantas, gosto daquela de Esparta, que nasceu em uma cidade militarizada, reinou como habilidosa governante e, enlouquecida de tesão, enxergou um caminho político para a união de Grécia e Troia a partir de sua vida pessoal. Sua escolha, embebida pelos óleos de Afrodite, foi considerada a causa da destruição de uma civilização: ela foi culpada pela destruição de Troia.

A mim, deixei-me embriagar justamente por seu caráter duvidoso – como diriam os moralistas –, por sua ambiguidade insuportável. Porque, enfrentando os questionamentos contemporâneos sobre o caráter natural do “ser homem/mulher”, a lógica binária que escolhe um em detrimento de outro já não é suficiente para abarcar as expressividades cotidianas. A ambiguidade mitológica de Helena me arrebatou diante do desejo de explorar o feminino/masculino sob uma perspectiva andrógena. Suas subversões daquilo que se considera feminilidade apontam possibilidades de “ser mulher” que escaparam dos modelos ideais de submissão e passividade da plateia da tragédia grega. O que pode uma feminilidade dissonante? Como pode ser sua representação? O que pode fazer com as estruturas a que meu corpo está sujeito?

*ATRIZ (bebe água. muda de tom):* No fundo do palco, há um espalho e uma pequena mesa, decorados com recortes de revistas e mensagens de fãs. Cuidadosamente colocadas pelo espaço estão as próteses: cílios postiços, peruca, joias, gel para o cabelo, dildo, óculos de grau, sapatos e figurinos; mais próximas à plateia estão uma mesa e uma cadeira. Os informes iniciais convidam a plateia a se sentir à vontade para se mover pela, sair da e entrar na sala. É permitido tirar fotografias e postar na internet, inclusive as fotos com nudez, a regra principal é não tocar na atriz caso ela não deseje. *(olha para você suavemente)* Esse é o pacto consensual entre quem está no palco e toda a plateia, okay?

3. Homero (2009).

4. Chaveau (1991).

5. Hughes (2009).

Vamos começar no momento em que Helena põe os pés na praia de Troia. Ela vem acompanhando o príncipe Páris, fugida ou raptada de Esparta. Ela está completamente envolvida pelo poder de Afrodite, a ponto de abandonar sua filha para seguir o amante.

(*pausa*)

HELENA-PRECURSORA (*dentro do barco, chegando à praia de Troia, faz um gesto brusco e diz bruscamente*): Percebi imediatamente o significado de meu ato, a revolução que acarretaria. Não a guerra! Mas uma revolução no espírito dos guerreiros, meus irmãos da Idade de Bronze... O passo adiante que minha decisão levaria a humanidade adolescente a dar num futuro próximo. (*sobe na cadeira, vislumbra o futuro político de sua escolha sexual*) Eu, Helena, ao sair íntegra e livre daquele navio, dava sozinha o primeiro passo para a livre circulação das mulheres e das ideias. Naquele momento, eu não quis perguntar se iriam me compreender e me seguir. Cheia do orgulho que faz a grandeza das precursoras e o respeito das pioneiras, avancei à luz (*avança*), segura de estar andando na direção da felicidade da humanidade. No dia seguinte, a liberdade se levantaria de meu leito. Como é simples a política! (*avança tanto que cai bruscamente da cadeira*) Ao aparecer, fiquei ofuscada pela luz. Troia pareceu ofuscada com a minha presença. Os aplausos cessaram de repente. Um silêncio compacto tombou num segundo e reteve a respiração daquelas milhares de almas, abafando até mesmo o sussurro das ondas<sup>6</sup>.

(*quebra; olha diretamente para a plateia e diz, em tom explicativo*) Quando Helena pisa na praia de Troia (*avança sobre o vestido azul esticado no chão*), ela é o paradoxo ambulante, a ambiguidade insuportável. Ao mesmo tempo em que cativava todas as pessoas com sua beleza, com sua capacidade de agradar, com seu carisma inigualável... sua presença significa a guerra.

(*quebra; com voz mais enérgica, monta a figura de Agamêmnon: um mamilo de fora, corpo forte de líder guerreiro, caminha em linhas retas*) Na Grécia: Agamêmnon, guerreiro, rei da cidade mais poderosa da Grécia, estrategista, irmão de Menelau:

---

6. Adaptação de Chaveau (1991, p. 149).

AGAMÊMNON (*com um seio de fora como uma Amazona*): Irmão, irmão, irmão! Helena é território espartano, e não podemos permitir que os bárbaros roubem nosso território. Essa é a oportunidade perfeita para unir todos os guerreiros gregos e finalmente invadir a cidade de Troia.

E foi isso que aconteceu.

(*caminha até próximo do vestido azul ou vermelho esticado no chão*) As pessoas que estavam ali, na praia de Troia, enxergaram vindo lá no horizonte (*enxerga*) mil navios gregos. Rapidamente recolheram suas coisas e se trancaram dentro das muralhas. (*caminha para trás da mesa*) E assim permaneceram por dez anos. Dez anos dos guerreiros gregos acampados na praia de Troia, dez anos da cidade de Troia sendo dilacerada pela guerra.

(*Helena caminha sobre as muralhas-mesa*) Quando os idosos de Troia a veem caminhando por entre as muralhas, compreendem que essa é uma guerra que vale a pena<sup>7</sup>...

PÁRIS (*equilibrando-se*): “Doce Helena,  
Com essas lancetadas não me punjas;  
Venceu-me Menelau com ajuda de Atena;  
Deuses mais faustos me farão vencê-lo.  
Vamos em nossa cama congoçar-nos:  
Tal ardor nunca tive e tais desejos;  
Nem quando, arrebatada à meiga Esparta,  
Velejava contigo, e a vez primeira  
Na ilha Cranaé do amor gozamos;  
Hoje mais te apeteço e mais te anelo.”  
Então subi, e minha esposa seguiu-me;  
No entalhado nosso leito adormecemos<sup>8</sup>.

PÁRIS-SAPHO: No final da noite, eu era como um homem, terrivelmente apaixonado por seu rosto e corpo, que prometia tanto [...]. Outros sentem por causa dela; e por causa dela, outros escrevem poesia; por causa dela, outros odeiam. [...] No calor óbvio e envolvente de minha admiração, ela se

7. Hughes (2009, p. 181).

8. Homero (2009, p. 112).

expande. Parece ao mesmo tempo destrutiva e impotente. [...] Seu poder é tão forte que realmente acredito quando ela diz que sua destrutibilidade não é intencional. [...] Minha força é suave, indireta, delicada, insinuante, criativa, tenra, feminina. A dela é como a de um homem<sup>9</sup>.

*(quebra; explica)* Isso que acabei de falar foi um trecho da *Ilíada* e, depois, um diário da autora erótica Anaís Nin. Imaginei Páris dizendo-o para Helena. Agora, ele vai dizer para ela algumas palavras de um poeta da minha terra chamado Jeff Vasques, muito sinceramente apaixonado:

Te caço  
Te cato  
Te como  
Te cuspo  
Te caso  
Te traio  
domestico  
e abuso  
te prendo  
te isolo  
te engravido  
e sumo  
te manipulo  
chantageio  
te silencio humilho  
diminuo  
te moldo  
te visto  
te silicono  
e lipoaspiro  
te bebo  
te fumo  
comercializo

---

9. Adaptação de Nin (1995, p. 17-21).

e consumo  
te exploro  
te roubo  
te xingosocoqueimotalho  
torturo  
te trafico  
te vendo  
te compro  
e alugo  
te ameaço  
difamo  
te estupro  
te culpo  
  
te amo<sup>10</sup>

*(sai da personagem Páris e aponta para ele)* O apaixonado Páris morre em batalha. Ele não era um excelente guerreiro – aliás, ele era um péssimo guerreiro, mas morreu em batalha. *(pausa fúnebre)*

Depois de dez anos de guerra, Ulisses – o grego Ulisses – se encontra secretamente com Helena e me adianta o plano que destruiria Troia: construir um cavalo de madeira. *(coloca o sapato-cavalo sobre a cadeira)*

HÉCUBA: Nessa manhã, do alto das muralhas,  
vi, a perder de vista,  
a praia e o mar desertos:  
os gregos tinham queimado suas tendas,  
e a sua frota desaparecera.  
Sozinho, no meio da planície,  
havia um enorme cavalo, sobre quatro rodas,  
um cavalo de madeira  
cujos arreios de ouro cintilavam<sup>11</sup>.

10. Vasques (2007, p. 25).

11. Sartre (1966, p. 64).

*(quebra; olha para a plateia e faz um parêntese)* Nesse momento, preciso fazer um parêntese: lembrar que essa é uma história grega que apresenta Ocidente e Oriente em oposição diametral. Uma história em que Troia aceita uma gigantesca oferenda para a deusa Atena e a leva para dentro de sua cidade superprotegida, que já resistia há dez anos. É por esse ato que Troia perde a guerra – e é importante lembrar que é uma história (*ênfase*) grega que considera essa (*abre aspas*) ingenuidade religiosa (*fecha aspas*) um equívoco. (*fim do parêntese*)

PRÍAMO: Fazei subir à Acrópole o ídolo de pau!

Consagrá-lo-emos a Palas Atena,  
a nobre filha de Zeus,  
que já nos perdoou<sup>12</sup>.

*(movendo a cadeira-sapato-cavalo para trás da mesa-muralha, com cuidado para o sapato não cair de cima da cadeira)* Então, Troia se mobiliza para colocar o cavalo para dentro das muralhas: precisaram quebrar um pedaço da parede, porque o cavalo era grande demais. Ou será que o cavalo era exatamente do tamanho da porta?

Esta noite é de festa. Depois de dez anos, finalmente uma noite de paz. Troia adormece embriagada, seminua, com sede. E no meio da noite, a barriga do gigantesco cavalo de madeira se abre e de lá saem os guerreiros gregos, loucos para matar, estuprar e queimar.

E é isso que acontece.

REVENGE PORN: Como foi que permiti que ele filmasse nossos momentos íntimos de amor? Quem acreditaria que isso não ia parar na internet...? Como fui ingênu... Como foi que minha potência erótica se transformou em motivo de chacota?

REVENGE PORN HELENA: Custou-me caro a minha singular beleza (*se bate*) e sofro ultrajes aviltantes até hoje com fatos que, com mais justiça, me fariam merecedora de ostentar uma coroa<sup>13</sup>. Castiga Afrodite, mostra-te maior

12. Sartre (1966, p. 64).

13. Eurípides (2003, p. 213).

que Zeus, senhor dos outros deuses, mas escravo dela! A mim, porém, perdoe-me; não sou culpada<sup>14</sup>.

*(quebra; retorna à narração, caminhando para próximo do vestido azul-mar ou vermelho-mar-de-sangue de Troia)*

E o dia seguinte amanhece com a cidade de Troia queimando às costas de Helena. À sua frente está o mar, de onde vêm as notícias da Grécia. Ao seu lado, as cativas troianas, aquelas mulheres cujos homens foram assassinados, esfolados, empalados.

HELENA *(diz baixinho)*: E tudo por minha culpa; por causa dessa minha cara de cadela<sup>15</sup>.

*(vira de costas bruscamente, diz como uma professora que ensina uma lição de vida ou morte)* A culpabilidade de Helena é rapidamente magnificada. À sua volta estão todos os problemas que se percebem na sexualidade feminina, isto é, como o desejo pelas mulheres se transforma em um problema cuja culpa será *(ênfase)* das mulheres. Ao contar a história de Helena, fazem do sexo a raiz do mal e identificam as mulheres como fonte de ambos<sup>16</sup>.

HELENA *(repete)*: E tudo por minha culpa; por causa dessa minha cara de cadela.

É nesse momento que Helena reencontra Menelau. Muitas obras de arte descrevem essa cena: Menelau chega com sua espada já desembainhada, louco para degolar a esposa infiel.

MENELAU: *(usa o dildo = sexo de plástico<sup>17</sup>, nesse caso, mimetizando tecnologicamente um pênis como espada)* Soldados! Tragam-na aqui! E que seja arrastada pelos cabelos, por seus vis cabelos, contaminados de carícias, tão lindos<sup>18</sup>! *(aponta a espada para ela)* Helena, não venho debater, okay? Mas matar-te<sup>19</sup>.

14. Eurípides (2003, p. 214).

15. Crepaldi (2003).

16. Adaptação de Hughes (2009, p. 202).

17. Preciado (2012; p. 41).

18. Adaptação de Sartre (1966, p. 94).

19. Adaptação de Eurípides (2003, p. 212).

(*Se possível, de acordo com o espaço disponível, sumir da visão da plateia como se entrasse na cabana de Helena-cativa*) Helena, quando sai de sua cabana, é uma mulher absolutamente dissonante das outras cativas, troianas, que estão em andrajos. Ela está cuidadosamente vestida e arranjada<sup>20</sup>. Quando ela sai de sua cabana, não sei o que acontece, se ela faz um movimento em falso ou se bate um vento, mas um seio seu aparece<sup>21</sup>.

HELENA (*mostra o seio demoradamente*): Quando Helena é a parceira ativa e não a passiva, tratam logo de rotulá-la de prostituta<sup>22</sup>.

HELENA-PROSTITUTA (*aperta o seio, escorre leite*): Eu sou a mãe de todas as prostitutas da Terra, a consciência das que a perderam, a ancestral de todas as cortesãs, mulheres fatais, filhas rebeldes, mulheres de carne fraca. A essência do mito da beleza que cega e enlouquece. Encarno também todas as heteras por quem se vive e por quem se mata, todas as heroínas que vivem e morrem de amor. Todas as imagens daquelas e daqueles que se condenam ou são condenadas ao fogo...<sup>23</sup> (*pausa, solta o seio*)

Ali, entre *As Troianas* cativas, Eurípides, da tragédia, coloca na boca de Helena uma defesa discursiva, apresentando-a como boa oradora – e, por isso mesmo, perigosa. Na tragédia *As troianas*, Helena é a grande culpada pela guerra e suas palavras não passam de um exercício para defender o indefensável<sup>24</sup>.

(*trágica*) O indefensável erro da mulher adúltera que seguiu seus impulsos eróticos, que, de tão poderosos, são capazes de destruir civilizações.

Na mesma tragédia, a personagem Andrômaca (*cobre o seio nu, monta a postura de Andrômaca, pode usar algum adereço*) aparece em oposição à figura de Helena. A troiana Andrômaca é como (*canta*) “aquelas mulheres de Atenas,” a mulher para casar, dedicada ao marido, invisível para os outros homens. Eurípides empresta as seguintes palavras a Andrômaca:

20. Eurípides (2003, p. 212).

21. Hughes (2009, p. 173).

22. Hughes (2009, p. 213).

23. Adaptação de Chaveau (1991, p. 41).

24. Kury (2003, p. 167).

ANDRÔMACA: Abominada para sempre deve ser aquela que, infiel ao seu primeiro esposo, aceita outro homem e lhe tem amor<sup>25</sup>!

(*fala enquanto desmonta Andrômaca*) Vale lembrar que Eurípides se casou duas vezes<sup>26</sup>.

Mas Eurípides também defendeu Helena em uma tragédia posterior, chamada *Helena*<sup>27</sup>. Ali, a mulher mais linda do mundo permanece fiel a Menelau, sendo assim possível considerar outros motivos para a guerra.

Por exemplo, o excesso de pessoas no mundo – um problema que vivemos até hoje –, que é sanado com uma matança em massa, concebida por Zeus e seus comparsas do Olimpo, usando os mortais Helena e Aquiles como *promoters* do evento. Hoje em dia, Helena poderia ser chamada de ebola, ou HIV – controle populacional.

Podemos pensar ainda em outros motivos para a guerra: talvez cobiça, ganância, sede de poder, terras, tesouros e estupro – essas coisas que normalmente movem a guerra – daqueles povos que há pouco haviam se unido em juramento por causa de Helena e formado a Grécia, berço de nossa sociedade ocidental.

HELENA: Eu não sei por que fugi. De alguma forma meu corpo estava tomado por um sentimento muito forte, que me fez abandonar meu bom esposo e minha amada filha. (*respira*) Castiga, Afrodite. Mostra-te maior que Zeus, que é senhor dos outros deuses, mas dela é escravo. A mim, perdoa-me, não sou culpada<sup>28</sup>.

Menelau, quando vê aquele seio (*mostra o seio*), o seio mais bonito do mundo, que já fora molde para tantas taças de vinho<sup>29</sup>... (*quebra*) Aqui, não sei se ele olha para Helena e, de repente, tem um lapso de consciência e entende toda a tragédia de sua beleza ou se mais uma vez ele é seduzido pelos poderes da feiticeira. Mas ele guarda sua espada (*cobre o seio*) e volta com Helena para Esparta.

25. Eurípides (2003, p. 202).

26. Méridier (2001, p. VII-VIII).

27. Eurípides (2008).

28. Eurípides (2003, p. 214).

29. Hughes (2009, p. 174).

Naquele momento em que ela reencontra Menelau, todo aquele amor violento, aquela sensação de proteção e segurança retorna ao corpo de Helena e ela volta para Esparta com Menelau... E termina sua vida como uma dedicada dona de casa, cuidando do maridinho e da filhinha! Como uma mulher normal! Bela, recatada e do lar! Como eu, como você!

Dizem as más línguas que Helena termina sua vida é na Ilha Branca, muito bem acompanhada por Aquiles<sup>30</sup>. Ou ainda, que passa bons momentos com guerreiros mais novos depois que retorna a Esparta, aproveitando sua fama e maturidade<sup>31</sup>.

*(quebra bruscamente)*

HÉCUBA: Helena é perigosa, não se deve confiar nas mulheres, principalmente nas que são articuladas, atraentes, carismáticas e engenhosas. São essas criaturas que provocam a morte das civilizações.<sup>32</sup> Não é? *(pausa)*

CORIFEU: E, uma vez recuperada a jovem, por que não a possuístes todos, já que ela tanto gosta de trocar de marido? (Sórdida!) [...] Oxalá jamais tivesse nascido a raça feminina – a não ser que fosse para mim só<sup>33</sup>!

Palavras de Eurípides na tragédia *O ciclope*, sugerindo um estupro coletivo para se vingar da jovem Helena – lembra alguma manchete de jornal contemporânea? *(pausa, bebe água para tentar se recompor)*.

*(na eventualidade de a bebê precisar mamar em qualquer momento deste espetáculo: alguém traz a bebê, a atriz interrompe o que está fazendo, pega a bebê e dá de mamar enquanto diz; caso não seja necessário, esta cena deve ser feita ao final do espetáculo, para puxar o debate; nesse caso, a ação será tirar o leite do seio e ao final oferecer para a plateia)* De um dia para o outro, depois de uma noite de fortes emoções – às vezes mais que uma noite –, o seio de Helena deixa de ser objeto de adoração e se torna alimento. Se nutrindo só do leite que saiu de seu seio, a filha de Helena, Hermíone, cresceu cinco quilos. Na praça de alimentação da pólis, pedem para Helena

30.Brandão (1991a, p. 504).

31. Chaveau (1991, p. 262-263).

32.Hughes (2009, p. 356).

33.Eurípedes (apud BRANDÃO, 1989, p. 96).

se preservar, não amamentar em público – mas ela, despudorada, prefere mostrar o seio e por a teta na boca da filha ao primeiro sinal de fome. Para os outros, o seio exibido no comercial de cerveja parece mais atraente, mais bonito. O seio objeto, sim; a teta cheia de leite que alimenta, não. Beber leite de vaca, sim. Alguém já provou leite de mulher? Lembra? Sabem que dói ser ordenhada?

Filha da puta! A pa puta que o pariu! Cadê a mãe desse moleque? Por que a gente sempre coloca na conta da mãe? E Helena mais uma vez se viu – agora mãe – culpada.

Mas essa mãe é negligente! Abandonou sua filha para seguir um amor! Uma atitude imperdoável... Você se lembra de algum pai que abandonou? Como te soa um pai que abandonou? E uma mãe que abandonou? Sensações diferentes?

Parece que no feminino as palavras ficam ofensivas: seja vadia, puta, mãe solteira, sogra, fique pra titia... Coloque tudo isso no masculino: te parece ofensivo?

E aí quando quer agredir  
Chama de vaca e galinha.  
São duas dignas vizinhas do mundo daqui!  
O que você tem pra falar de vaca?  
O que você tem eu vou dizer e não se queixe:  
Vaca é sua mãe. de leite.  
Vaca e galinha...  
Ora, não ofende. enaltece, elogia:  
Comparando rainha com rainha  
Óvulo, ovo e leite  
Pensando que está agredindo  
Que tá falando palavrão imundo.  
Tá, não, homem.  
Tá citando o princípio do mundo<sup>34</sup>!...

*(aguarda possíveis repostas da plateia)*

---

34.Lucinda (1999, p. 37).

Para levar o espetáculo para qualquer contexto ou ter acesso ao texto completo, basta entrar em contato via e-mail (pamellavillanova@gmail.com).  
Aprecio qualquer tipo de retorno sobre a experiência.

(atriz passa o chapéu)

## Referências bibliográficas

- BRANDÃO, J. S. **Helena, o eterno feminino**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1991a. v. 1.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1991b. v. 2.
- CHAVEAU, S. **Memória de Helena de Tróia**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.
- CREPALDI, C. L. **Helena de Eurípedes**: estudo e tradução. 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.
- EURÍPIDES. As troianas. In: \_\_\_\_\_. **Medéia, Hipólito, As troianas**. Trad. Mário da Gama Kury. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 160-250.
- \_\_\_\_\_. **Helen**. New York: Cambridge University Press, 2008.
- HOMERO. **Ilíada**. Tradução Manoel Odorico Mendes. 3. ed. [S.l.]: eBooksBrasil, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2NjHEKV>>. Acesso em: 2 fev. 2014.
- HUGHES, B. **Helena de Troia**: deusa, princesa, prostituta. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- KURY, M. G. **Dicionário de mitologia grega e romana**. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- NIN, A. **Henry, June e eu**: delírios eróticos. Tradução Rosane Pinho, 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- LUCINDA, E. **Eu te amo e suas estrelas**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- MÉRIDIÉ, L. Introduction. In: EURÍPEDE. **Le cyclope, Alceste, Médée, Les heraclides**. Traduction Louis Méridier. Paris: Les Belles Lettres, 2001. p. VI e VII.
- PRECIADO, B. **Manifiesto contra-sexual**. Traducción Julio Diaz e Carolina Meloni. Madrid: Ópera Prima, 2012.
- SARTRE, J.-P. **As troianas (adaptado de Eurípedes)**. Tradução Rolando Roque da Silva. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1966.
- VASQUES, J. **Amor, livre-se**. Campinas: s.n., 2007.

Recebido em 14/03/2018

Aprovado em 16/07/2018

Publicado em 25/10/2018